

comunicado da
DIRECÇÃO GERAL da A.A.C.

n.º 12

8/10/74



UMA ASSEMBLEIA NADA PARA OPORTUNISTAS, REACCIONÁRIOS E DIVISIONISTAS

Os estudantes de Coimbra terão hoje uma Assembleia magna.

No entanto, desta vez, o órgão decisório máximo da Academia é chamado a reunir e deliberar não sobre algo de relevante para os estudantes e para o povo português, mas sim sobre um diferendo estudantil que, sendo significativo embora, se dilui irrisoriamente no actual momento político nacional.

Para nós, Direcção-Geral, esta Assembleia sendo algo de artificial e forçada é acima de tudo uma nítida manobra de diversão.

No MBE político do País, que nem pela banalização das expressões podemos deixar de considerar sublime e único, o levar os estudantes a voltarem-se para preocupações muito suas, atentos a questões insignificantes e ridículas é objectivamente desmobilizá-los, situando-os à margem do processo geral de empolamento popular pela Democratização do País. O objectivo desta grotesca Comissão Ribeiro dos Santos é, sob a capa dum pretensso progresso tentar realizar o que o fascismo nunca conseguiu colocar a "élite" estudantil num ghetto todo feito de falsa clarivilência, desgraçadamente afastada do povo e das suas muito reais preocupações e esforços por um Portugal renovado.

São pois políticas as questões que a conferência desta Assembleia levanta e é politicamente que devem ser analisadas e resolvidas.

Portugal e o seu presente.

A situação actual da sociedade portuguesa é de grande ascensão das forças democráticas e populares. Com o esmagamento da tentativa reaccionária de 26/29 de Setembro fortaleceu-se o Governo Provisório e o Movimento das Forças Armadas, abrindo-se perspectivas para a concretização de medidas políticas, económicas e sociais que façam avançar decisivamente o processo democrático em curso.

O que foi determinante nessa data foi a unidade das massas populares entre si, a vigilância e a capacidade de mobilização da sua vanguarda, a confiança destas no MFA e a capacidade política deste em utilizar os seus sectores mais reaccionários e passar à ofensiva. O que estes acontecimentos demonstraram foi que no estágio actual da revolução os interesses da classe operária passam pelo estabelecimento dum política de alianças com os sectores anti-monopolistas, aliança onde ela detenha hegemonia, assegure coesão e determine o desenvolvimento consequente.

No penúltimo fim de semana a reacção encontrou pela frente um povo unido, e sobretudo um povo unido com o Governo Provisório e o Movimento das Forças Armadas.

Mas a quem cabe o mérito desse unido?

Aos que sempre defenderam e defendem a total economia se deve submeter a critérios de eficácia política de forma a atingir o objectivo principal, ou aos que oportunisticamente semearam conflitos procurando a desunião das forças populares contra o Governo Provisório?

Aos que sempre defenderam que o importante era a organização a todos os níveis das forças progressistas, e em primeiro lugar a organização sindical dos trabalhadores, ou aos que procuraram lançar o descrédito sobre as estruturas sindicais ou ainda dividi-las formando comissões ad hoc para cada momento de luta ou pugando por um pluralismo sindical?

Aos que a partir dum análise científica da realidade portuguesa definiram como inimigo o capital monopolista, como povo — o povo que lutará contra esse inimigo — não só a classe operária e o campesinato mas ainda sectores da pequena e média burguesia, ou os que apontam abstractamente para a burguesia como uma classe homogénea e homogeneamente reaccionária?

Quem se pode orgulhar do 28/29 de Setembro? Quem procurou mobilizar as massas e pôr em relevo os aspectos positivos de muitas medidas governativas ou quem sistematicamente acusou de fascista o Governo Provisório, procurou lançar a desconfiança sobre ele tomando-o como um bloco, identificando-o com os "fascistas" e com outros também coligados..?

Uma povo português tem alcançado clamorosas vitórias. Uma delas é a vitória sobre o colonialismo: a independência da Guiné-Bissau, a formação de um governo moçambicano cuja maioria pertence à Frelimo e que propõe a independência do território, o reconhecimento do direito à independência das outras colónias. E tudo isto são vitórias do povo português, são derrotas do colonialismo e do imperialismo, não são concessões. Vitórias, digamo-lo mais uma vez, que não teriam sido possíveis se tivéssemos colhido aquelas palavras de ordem como a de "nem mais um só embarque" e isto quando o exército português confraternizava já com as tropas libertadoras do PAICC e da Frelimo...

Os verbalistas tentam recuperar terreno

Foi nítido no balanço de toda esta ofensiva de reacção o modo como saíram enfraquecidos os grupelhos aventureiros da pequena burguesia radical. O levantamento popular contra a manifestação burlesca, as grandes jornadas populares do 5 e 6 de Outubro não são apenas grandes derrotas da reacção - são também sua pois ficou perfeitamente patente quão longe estão da realidade, a forma falsificada como a perspectivam e o tipo quimérico de análises sociais que realizam.

Quanto a nós Direcção-Geral da A.A.C. move-nos um objectivo fundamental: levar os estudantes a incorporarem-se no movimento popular que varre o País em íntima união com o MFA., Unir os estudantes ao povo trabalhador e fazer avançar a Reforma Geral e Democrática do Ensino, orientando as massas estudantis por um móbil: fazer na Escola o que interessa ao povo.

Foi este o sentido das Campanhas de Alfabetização e Sanidade, das jornadas da Semana de Apoio ao Povo Chileno, da incorporação dos estudantes nas brigadas populares de 28/29 de Setembro e do dia do trabalho voluntário, do Seminário sobre a Democratização do Ensino (em preparação no quadro da Comissão Pro-União Nacional dos Estudantes Portugueses).

Pelo seu lado porém, isolado e descredenciado o grupelho verbalista para recuperar o terreno perdido transforma a comemoração da morte de Ribeiro dos Santos numa ofensiva de provocações contra as forças democráticas e, localmente contra a A.A.C.

Desde o início que não sabemos que mais lhes interessa: celebrar um estudante assassinado pela PIDE ou provocar conflitos. Digamo-lo francamente: esta homenagem é uma manobra de diversão política, que procura, através da provocação de acontecimentos como o dos sucedidos em 4 de Outubro no edifício da A.A.C., e do estabelecimento de um clima de calúnia e confusão em que estes senhores são peritos, recuperar influência política nos estudantes, criar a divisão e a desunião, cortar o fluxo estudantil na direcção do movimento popular de massas.

Da "subtil" métodos da provocação

Uma politica justa tem de ser servida por métodos e processos justos. Vejamos porém como actuam os aventureiros:

— A tentativa de ocupação brutal do aparelho técnico de uma Associação não é inédita. Na Associação de Medicina do Parto um grupelho agrediu três estudantes que se encontravam presentes na ocasião no salão das máquinas, justificando posteriormente a sua atitude como uma medida "de violência revolucionária".

— Na invasão que a dita comissão Ribeiro dos Santos fez do edifício da A.A.C. foi a certa altura denunciado um individuo como tendo estado presente na agressão que um grupo esquerdista fez em Lisboa ao escritor democrata Urbano Taveres Rodrigues. Sendo-se descoberto o covarde meliante escapou-se mas logo um companheiro seu intentou defender a legitimidade da agressão a Urbano.

— Estes mesmos individuos já em Julho Invadiram pela força a A.A.C. e intimidando pelo numero os poucos colaboradores associativos presentes ocuparam violentamente as instalações de propaganda sequestrando-as, roubando papal para cartazes em favor dum tal CLCI.

E são pessoas tão capazes de acções agressivas deste tipo que vestem agora a pele do liberal ingénuo e choroso qualificando de "sangrentos" os acontecimentos de 4 de Outubro na A.A.C.